

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 11

**TOTEM E TABU,
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA
DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO
E OUTROS TEXTOS**

(1912-1914)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2012 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes VIII, IX, X e XIV (Londres: Imago, 1952, 1940, 1955 e 1948). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe*, Frankfurt: Fischer, 2000.

Título original:

Gesammelte Werke, volumes VIII, IX, X e XIV.

Capa e projeto gráfico

warrakloureiro

Guardas

Gustav Klimt, *Tree of Life* (Stoclet Frieze), c. 1905-9, tempera, Museu Austríaco de Artes Aplicadas, Viena / The Bridgeman Art Library.

Imagens das pp. 3 e 4

Babuíno de Toth, Egito, Período Romano, 30 a.C. - 395 d.C., 21,5 cm.

Netsuke na forma de um Shishi, Japão, Período Edo, séc. xviii-xix, 5 x 3,5 x 2,5 cm.

Obras da coleção pessoal de Freud.

Freud Museum, Londres.

Preparação

Célia Euvaldo

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 11 : totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Título original: *Gesammelte Werke*, volumes VIII, IX, X e XIV.

ISBN 978-85-359-2174-8

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia
I. Título.

12-10536

CDD-150.1954

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund, Freud: Obras completas: Psicologia analítica 150.1954

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

TOTEM E TABU (1912-1913) 13

PREFÁCIO 14

PREFÁCIO À EDIÇÃO HEBRAICA 16

I. O HORROR AO INCESTO 17

II. O TABU E A AMBIVALÊNCIA DOS SENTIMENTOS 42

III. ANIMISMO, MAGIA E ONIPOTÊNCIA DOS PENSAMENTOS 121

IV. O RETORNO DO TOTEMISMO NA INFÂNCIA 155

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO (1914) 245

O INTERESSE DA PSICANÁLISE (1913) 328

I. O INTERESSE PSICOLÓGICO 329

II. O INTERESSE DA PSICANÁLISE PARA AS CIÊNCIAS
NÃO PSICOLÓGICAS 343

**SOBRE A *FAUSSE RECONNAISSANCE* (O “*DÉJÀ RACONTÉ*”)
NO TRABALHO PSICANALÍTICO (1914)** 364

O MOISÉS DE MICHELANGELO (1914) 373

TEXTOS BREVES (1913-1914) 413

EXPERIÊNCIAS E EXEMPLOS TIRADOS DA PRÁTICA PSICANALÍTICA 414

SOBRE A PSICOLOGIA DO COLEGIAL 418

ÍNDICE REMISSIVO 424

TOTEM E TABU (1912-1913)

ALGUMAS CONCORDÂNCIAS ENTRE A VIDA PSÍQUICA DOS HOMENS PRIMITIVOS E DOS NEURÓTICOS

TÍTULO ORIGINAL: *ÜBER
EINIGE ÜBEREINSTIMMUNGEN
IM SEELENLEBEN DER WILDEN
UND DER NEUROTIKER*. PUBLICADO
PRIMEIRAMENTE EM *IMAGO*, V. 1,
N. 1, PP. 17-33 (PARTE I); V. 1, N. 3,
PP. 213-27 (PARTE II); V. 2, N. 1, PP. 1-21
(PARTE III) E V. 2, N. 4, PP. 357-408
(PARTE IV). PUBLICADO COMO
VOLUME AUTÔNOMO EM 1913, TENDO
COMO TÍTULO *TOTEM UND TABU*
E COMO SUBTÍTULO O PRIMEIRO TÍTULO.
TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE IX*,
PP. 1-194; TAMBÉM SE ACHA EM
STUDIENAUSGABE IX, PP. 287-444.

PREFÁCIO

Os quatro ensaios seguintes — originalmente publicados com um título que é agora o subtítulo, nos dois primeiros volumes da revista *Imago*, por mim editada — constituem minha primeira tentativa de aplicar perspectivas e resultados da psicanálise a problemas ainda não solucionados da psicologia dos povos. Eles oferecem um contraste metodológico, por um lado, à extensa obra de Wilhelm Wundt, que utiliza as hipóteses e métodos de trabalho da psicologia não analítica para o mesmo propósito, e, por outro lado, aos trabalhos da escola psicanalítica de Zurique, que buscam, inversamente, resolver problemas da psicologia individual com o auxílio de material etnopsicológico.¹ De bom grado reconheço que de ambos os lados veio o estímulo imediato para meus próprios trabalhos.

As deficiências desses últimos me são familiares. Não mencionarei aquelas relacionadas ao caráter pioneiro de tais pesquisas. Outras, no entanto, exigem uma

1 C. G. Jung, *Wandlungen und Symbole der Libido* [Transformações e símbolos da libido], *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v. 4, 1912; do mesmo autor, “Versuch einer Darstellung der psychoanalytischen Theorie” [Ensaio de exposição da teoria psicanalítica], *ibid.*, v. 5, 1913. [O termo “etnopsicológico” é nossa tradução para o adjetivo *völkerpsychologisch*, correspondente ao substantivo *Völkerpsychologie*, que foi vertido, algumas linhas antes, por “psicologia dos povos”, mas também poderia ser “etnopsicologia”.] [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

palavra introdutória. Os quatro ensaios aqui reunidos pedem o interesse de um círculo maior de leitores cultos e, no entanto, podem realmente ser entendidos e apreciados apenas pelos poucos aos quais a psicanálise não é estranha em sua peculiaridade. Eles também querem fazer a intermediação entre etnólogos, linguistas, folcloristas etc., de um lado, e psicanalistas, de outro, mas não podem fornecer aos dois lados aquilo que lhes falta: àqueles, uma satisfatória introdução à nova técnica psicanalítica; a estes, um domínio suficiente do material a ser trabalhado. Provavelmente terão de satisfazer-se, pois, com atrair a atenção das duas partes e suscitar a expectativa de que uma cooperação mais frequente não deixaria de ser benéfica para a pesquisa.

Os dois temas principais que fornecem o título deste pequeno livro, o totem e o tabu, não são nele tratados da mesma forma. A análise do tabu aparece como tentativa segura e exaustiva de solução do problema. A investigação sobre o totemismo limita-se a declarar que “é isto o que a observação psicanalítica pode contribuir, no momento, para esclarecer a questão do totem”. Tal diferença liga-se ao fato de que o tabu ainda subsiste entre nós; embora considerado negativamente e dirigido a outros conteúdos, ele não é outra coisa, em sua natureza psicológica, senão o “imperativo categórico” de Kant, que tende a agir coercitivamente e rejeita qualquer motivação consciente. Já o totemismo é uma instituição social-religiosa alheia à sensibilidade atual, realmente há muito abandonada e substituída por novas formas, que deixou traços mínimos na religião, nos

usos e costumes dos povos civilizados de hoje, e que teve de sofrer grandes transformações mesmo nos povos que ainda a mantêm. O avanço técnico e social da história humana afetou muito menos o tabu do que o totem. Neste livro tentou-se, ousadamente, descobrir o significado original do totemismo a partir de seus traços infantis, dos indícios que reaforam no desenvolvimento de nossas crianças. A estreita relação entre totem e tabu nos leva adiante na hipótese que sustentamos; e se, enfim, esta resulta bastante improvável, esse caráter não chega a representar objeção à possibilidade de que ela se aproxime em alguma medida da realidade, de tão difícil reconstrução.

Roma, setembro de 1913.

PREFÁCIO À EDIÇÃO HEBRAICA*

Nenhum leitor deste livro [de sua edição hebraica] poderá imaginar-se facilmente na situação afetiva do autor, que não entende a língua sagrada, que se afastou inteiramente da religião paterna — como de qualquer outra —, que não consegue partilhar ideias nacionalistas e, no entanto, jamais negou a vinculação a seu povo,

* Publicado pela primeira vez em *Gesammelte Schriften*, v. XII (1934); traduzido de *Gesammelte Werke* XIV, p. 569. A edição hebraica saiu apenas em 1939.

sente sua particularidade de judeu e não deseja que ela mude. Se lhe perguntarem: “O que ainda te resta de judeu, após renunciar a todos esses elementos que tinhas em comum com teus patrícios?”, ele responderá: “Muita coisa ainda, talvez o principal”. Mas atualmente ele não seria capaz de exprimir em palavras claras este quê de essencial. Um dia, certamente isto se tornará acessível à indagação científica.

Portanto, para semelhante autor é um acontecimento muito especial que o seu livro seja traduzido para o hebraico e chegue às mãos de leitores para os quais esse idioma histórico é uma “língua” viva. Além do mais, trata-se de um livro que aborda a origem da religião e da moralidade, mas não adota uma perspectiva judaica nem se coloca restrições em favor do judaísmo. Contudo, o autor espera achar-se unido a seus leitores na convicção de que a ciência livre de pressupostos não pode permanecer uma estranha para o espírito do novo judaísmo.

Viena, dezembro de 1930.

I. O HORROR AO INCESTO

Conhecemos o homem pré-histórico, nos estágios de desenvolvimento que percorreu, pelos monumentos e utensílios que nos deixou, pelas informações sobre sua arte, sua religião e concepção de vida, que nos chegaram diretamente ou pela via da tradição, em lendas, mitos e

fábulas, e pelos vestígios de sua mentalidade em nossos próprios usos e costumes. Além de tudo, ele ainda é, em certo sentido, nosso contemporâneo; existem homens que acreditamos ainda estar bem próximos dos primitivos, bem mais próximos do que nós, nos quais vemos, portanto, seus representantes e descendentes diretos. Assim consideramos os que são chamados de selvagens e semisselvagens, cuja vida psíquica tem especial interesse para nós, se nela pudermos reconhecer um estágio anterior e bem conservado de nossa própria evolução.

Se esta premissa for correta, uma comparação entre a “psicologia dos povos da natureza”, tal como é ensinada pela etnografia, e a psicologia dos neuróticos, tal como foi revelada pela psicanálise, mostrará numerosas coincidências e nos permitirá ver sob nova luz fatos já conhecidos das duas disciplinas.

Tanto por razões externas como internas, escolherei para essa comparação as tribos que foram descritas, pelos etnógrafos, como as mais atrasadas e miseráveis, as dos aborígenes do mais novo continente, a Austrália, que também em sua fauna conservou muito de arcaico e já desaparecido em outras partes.*

Os aborígenes da Austrália são vistos como uma raça particular, sem parentesco físico nem linguístico com seus

* Não há espaço de uma linha em branco entre esse parágrafo e o anterior na edição alemã utilizada, *Gesammelte Werke*. Mas, considerando que faz sentido um espaço nesse ponto e que ele se acha numa edição alemã mais recente (*Studienausgabe*), resolvemos incorporá-lo, aqui e em alguns outros lugares.

vizinhos mais próximos, os povos melanésios, polinésios e malaios. Eles não constroem casas nem palhoças permanentes, não trabalham o solo, não criam animais domésticos, exceto o cão, e não conhecem nem mesmo a arte da cerâmica. Alimentam-se quase exclusivamente da carne dos animais que abatem e das raízes que desenterram. Eles desconhecem reis ou chefes, a assembleia dos homens maduros decide sobre as questões comuns. Traços de religião, na forma de adoração de seres superiores, dificilmente lhes podem ser atribuídos. As tribos do interior do continente, que lidam com as mais duras condições de vida, em virtude da escassez de água, parecem ser mais primitivas que as que moram na proximidade da costa.

Certamente não esperaremos que esses pobres canibais nus observem uma moral como a nossa em sua vida sexual, que tenham imposto a seus instintos sexuais um alto grau de limitação. Sabemos, no entanto, que estabeleceram por meta, com enorme cuidado e penosa severidade, o impedimento de relações sexuais incestuosas. De fato, toda a sua organização social parece servir a tal propósito ou estar ligada à sua realização.

No lugar das instituições sociais religiosas que não têm, acha-se entre os australianos o sistema do *totemismo*. Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu *totem*. Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã. O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxi-

liar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos. Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo). O caráter do totem não é inerente a um só animal ou ser individual, mas a todos da espécie. De quando em quando são celebradas festas, em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e as características de seu totem.

O totem é transmitido hereditariamente, por linha materna ou paterna. A primeira forma é provavelmente a original em toda parte, apenas depois sendo substituída pela segunda. A relação com o totem é o fundamento de todas as obrigações sociais para um australiano; ela se sobrepõe ao fato de pertencer a uma tribo, por um lado, e ao parentesco sanguíneo, por outro lado.²

Ele não se acha ligado a um solo ou lugar; seus membros moram separados uns dos outros e convivem pacificamente com os seguidores de outros totens.³

2 Frazer, *Totemism and exogamy*, v. I, p. 53: “*The totem bond is stronger than the bond of blood or family in the modern sense*”.

3 Este resumo tão sucinto do totemismo carece de algumas explicações e reservas. A palavra “totem” foi tomada dos peles-vermelhas norte-americanos pelo inglês J. Long, na forma “*totam*”, em 1791. O objeto mesmo despertou gradualmente o interesse científico e deu origem a uma substancial literatura, na qual destaco, como obras principais, o livro em quatro volumes de J. G. Frazer, *Totemism and exogamy*, de 1910, e os livros e ensaios de Andrew Lang (*The secret of the totem*, de 1905). O mérito de haver percebido a importância do totemismo para a pré-história da humanidade

Agora nos voltamos, enfim, para a característica do sistema totêmico que interessa também ao psicanalista. Em quase toda parte em que vigora o totem há também a lei de que *membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar*. É a instituição da *exogamia*, ligada ao totem.

Esta proibição, severamente mantida, é bastante singular. Nada no conceito e nas características do totem, como até agora vimos, permite antecipá-la. Não se compreende, então, como foi incluída no sistema do totemismo. Por isso não nos surpreendemos quando alguns pesquisadores supõem que originalmente — no começo da história e em seu verdadeiro sentido — a exogamia nada tinha a ver com o totemismo, e foi-lhe agregada depois, sem vínculo mais profundo, quando limitações ao casamento se revelaram necessárias. Como quer que seja, existe o laço entre totemismo e exogamia, e demonstra ser bastante firme.

Algumas outras considerações tornam clara a importância de tal proibição:

pertence ao escocês J. Ferguson McLennan (1869-70). Instituições totêmicas foram ou são ainda hoje observadas também entre os índios da América do Norte, entre os povos da Oceania, na Índia Oriental e em boa parte da África. Mas alguns traços e vestígios, que de outra forma seriam difíceis de interpretar, levam a concluir que o totemismo também já existiu nos primeiros povos arianos e semitas da Europa e da Ásia, de modo que muitos pesquisadores se inclinam a nele enxergar uma fase necessária da evolução humana, universalmente percorrida.

Como chegaram os homens pré-históricos a admitir um totem, ou seja, a tornar sua descendência deste ou daquele animal o

a) Sua transgressão não é sujeita a uma punição automática dos culpados, como no caso de outras proibições relativas ao totem (por exemplo, matar o animal totêmico); é vingada energeticamente por toda a tribo, como se fosse questão de afastar um perigo que ameaça toda a comunidade ou uma culpa que a oprime. Algumas sentenças do livro de Frazer⁴ podem mostrar como essas faltas são tratadas seriamente por tais selvagens, que normalmente estariam longe de serem morais, segundo nossa medida.

fundamento de suas obrigações sociais e, como veremos, também de suas restrições sexuais? Acerca disso há várias teorias, das quais o leitor alemão pode achar um sumário na *Völkerpsychologie* [Etnopsicologia], de W. Wundt (v. II, *Mythus und Religion*), mas nenhum consenso entre elas. Pretendo fazer do problema do totemismo o objeto de um estudo especial, em que buscarei solucioná-lo com o auxílio da abordagem psicanalítica. (Cf. o quarto ensaio desta obra.)

Não apenas a teoria do totemismo é controversa, também os seus fatos mal podem ser enunciados em termos gerais, como tentei fazer acima. Quase não há afirmação a que não se tenha de acrescentar exceções ou contradições. Mas não se deve esquecer que também os povos mais primitivos e conservadores são antigos, em determinado sentido, e têm um longo passado atrás de si, no qual seu elemento original sofreu bastante desenvolvimento e deformação. De modo que hoje em dia achamos o totemismo, nos povos que ainda o exibem, nas mais diversas fases de decadência de fragmentação, de passagem para outras instituições religiosas e sociais, ou em configurações estacionárias que podem se encontrar distantes de sua natureza original. Portanto, a dificuldade está em não ser fácil decidir o que, no presente estado de coisas, pode ser visto como retrato fiel do passado significativo ou como deformação secundária do mesmo.

4 Frazer, op. cit., v. I, p. 54.